

lê e aquela que escreve têm objetivos convergentes: uma busca e a outra fornece uma opinião crítica sobre determinado livro. Para atender ao leitor, o resenhador basicamente descreve e avalia uma dada obra a partir de um ponto de vista informado pelo conhecimento produzido anteriormente sobre aquele tema. Seus comentários devem se conectar com a área do saber em que a obra foi produzida ou com outras disciplinas relevantes para o livro em questão.

Assim, o ponto de referência no elogio ou na crítica a uma obra literária sobre o Cinema Novo (Figueiroa, 2004), por exemplo, pode ser o que se sabe sobre:

- (a) esse movimento cultural;
- (b) os livros anteriormente publicados pelo mesmo autor ou sobre o mesmo assunto;
- (c) o impacto do Cinema Novo em outras áreas como a música ou as artes plásticas.

É importante ressaltar que o gênero resenha poderá ser usado com maior ou menor frequência de acordo com os interesses de cada área. Na área de letras, a linguística aplicada tem uma tradição de resenhar livros significativamente maior do que outras áreas como, por exemplo, a física, área em que o livro foi radicalmente substituído pelo artigo acadêmico como forma de produção e divulgação de conhecimento (Chen, 1976; Becher, 1987). No início da década de 1990, dos periódicos mais citados¹ em linguística, 70% publicavam resenhas, enquanto acontecia o mesmo apenas em 35% dos periódicos em química e 40% em economia (Motta-Roth, 1996, p. 114-115)². Assim, para alunos de letras, saber resenhar livros talvez seja uma habilidade fundamental. Para tentar auxiliar alunos universitários a produzir textos com maior segurança, concentraremos nossa atenção na resenha acadêmica de livros.

2.2 Qual é a estrutura retórica básica de uma resenha?

A análise desse gênero nos indicará que, ao resenhar um livro, desenvolvemos quatro etapas em que realizamos as ações de:

¹ Os periódicos mais citados são elencados pelo *Science Citation Index* e pelo *Social Sciences Citation Index Journal Citation Reports* (Garfield, 1989a, b) pelo seu fator de impacto em suas respectivas áreas.

² Essa tendência dos linguistas em produzir livros resulta em competição pela atenção do leitor. Por essa razão, oferece ao resenhador um critério: um livro será tanto melhor quanto mais o autor da obra em questão for capaz de definir e atender para as necessidades de seu público-alvo (Motta-Roth, 1995, p. 239).

Apresentar > Descrever > Avaliar > (Não) Recomendar o livro

Em geral, essas ações tendem a aparecer nessa ordem e podem variar em **extensão**, de acordo com o quê e o quanto o resenhador deseja enfatizar em sua análise do livro, ou podem variar em **frequência**, de acordo com as características da obra ou o estilo do resenhador (se tende a ser mais descritivo ou mais avaliativo em seu texto). Assim, se o autor do livro recebeu um prêmio Nobel, o resenhador poderá dedicar maior espaço no texto ao currículo desse autor (atendendo assim a um provável interesse do público) do que se estivesse apenas iniciando sua carreira acadêmica. Por outro lado, dependendo do estilo do resenhador, a descrição e a avaliação de partes específicas do livro aparecem juntas, sintetizadas no mesmo trecho e, às vezes, na mesma sentença. É importante frisar que o uso dos quatro estágios textuais, indicados acima, foi uma tendência verificada em pesquisa anterior, junto a editores e autores de resenhas em periódicos internacionais (Motta-Roth, 1996). Portanto, a descrição do gênero nesses termos deve ser tomada como uma constatação³ de como as pessoas escrevem resenhas em determinado espaço geográfico (resenhas publicadas em periódicos internacionais em inglês) e temporal (década de 1990), e não uma norma a ser seguida cegamente.

Vejamos um exemplo de resenha, retirado da internet do *site* da *Com.ciência* <<http://www.comciencia.br/resenhas/2005/10/resenha1.htm>>, em que a resenhadora apresenta um livro sobre sociologia em uma perspectiva interdisciplinar:

Exemplo 2.1

S#1

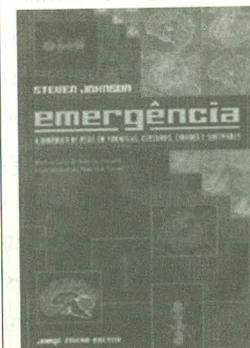
Emergência. A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares

Steven Johnson

Jorge Zahar Editor, 2003.

Por Patrícia Mariuzzo

A gigante do comércio eletrônico Amazon.com envia mensagens automáticas para os usuários avisando



³ Tendência verificada em um *corpus* de 180 textos publicados em inglês nos periódicos acadêmicos mais citados nas áreas de economia, linguística e química entre 1993 e 1994 (Motta-Roth, 1995).

sobre novos lançamentos que combinam com o perfil do usuário. O sistema consegue “acertar” nas dicas, pois usa informações de compras anteriores, que funcionam para traçar um perfil do usuário e gerar um tipo de propaganda personalizada. Sistemas como o usado pela Amazon são baseados em inteligência emergente. *Emergência* explica os fenômenos emergentes, como surgiram e como podem transformar a televisão, a propaganda, o trabalho, a política e, antes de tudo isso, a tecnologia. O autor mistura biologia, história, literatura e matemática para explicar o que são esses sistemas. Uma passada de olhos pela bibliografia do livro já é suficiente para despertar a curiosidade do leitor: Charles Dickens; Marshall McLuhan; James Joyce; Fernand Braudel e Charles Darwin são algumas das referências usadas por Johnson, cuja formação é em semiótica e literatura inglesa. Provavelmente graças a isso, e à abundância de analogias e bons exemplos, a leitura é agradável e simples, mesmo quando o objetivo é entender questões específicas do mundo da programação de computadores.

O título é provocativo: o que poderiam ter em comum colônias de formigas, o cérebro humano, grandes cidades e *softwares*? Todos usam, em menor ou maior grau, sistemas auto-organizados, nos quais é dispensada a presença de controle centralizado. Nos sistemas emergentes, também chamados *bottom-up* (de baixo para cima), agentes que residem em uma escala começam a produzir um comportamento cujo padrão reside em uma escala acima deles: formigas criam colônias, cidadãos criam comunidades, um *software* simples de reconhecimento de padrões aprende como recomendar novos livros. O movimento das regras de nível baixo para a sofisticação do

Apresentar

Avaliar

nível mais alto é o que o autor chama de emergência. O sistema só é emergente quando todas as interações locais resultam em algum tipo de macrocomportamento observável. Deve ainda ter os seguintes componentes: interação entre vizinhos, reconhecimento de padrões, *feedback* e controle indireto.

Na primeira parte do livro, Johnson procura desmontar o que chama de “mito da formiga rainha”.

A existência desse mito explicaria a dificuldade que as pessoas têm em aceitar a hipótese *bottom-up*, um mundo sem líderes ou os fenômenos coletivos. O estudo das colônias de formigas demonstra que não há nada de hierárquico na maneira como ela funciona. A rainha não é uma figura de autoridade, ela não decide o que cada operária faz. O comportamento das formigas – proteger a rainha, buscar alimento etc. – proviria de uma instrução genética, cujo objetivo é a preservação da colônia. Não é a matriarca que treina as operárias, a evolução fez isso. Nas cidades, da mesma maneira, haveria um tipo de organização espontânea, independente de planejamento ou de uma liderança. Isso conferiria a elas uma “personalidade”, que se auto-organiza por meio de milhões de decisões individuais, uma ordem global construída a partir de uma interação local que o autor chama de “nível da rua”. O que ocorre é a repetição de padrões que “ficam guardados na textura dos bairros...” para usar as palavras de Johnson. Segundo ele, desse mecanismo viriam as separações de bairros ricos e pobres, comerciais e residenciais etc. Prevendo a estranheza do leitor depois de tal afirmação, admite que também existem diversos padrões nas cidades ditados via *top-down*, como as comissões de planejamento ou as leis de zoneamento. Porém, forças *bottom-up* desempenhariam

Descrever partes do livro

um papel fundamental na formação das cidades, criando comunidades distintas e grupos demográficos não planejados. Para isso, bastam milhares de indivíduos e regras simples de interação.

Em seguida, temos a discussão sobre modelos emergentes artificiais. A primeira descrição prática de um programa de software emergente data da década de 1940. O objetivo era criar processos capazes de aperfeiçoarem-se a si mesmos e assim conseguirem reconhecer padrões que não podiam ser determinados por antecipação. A partir daí, torna-se concreta a possibilidade de criar programas onde as interações dos componentes desencadeiam consequências no sistema como um todo ao serem repetidas milhares de vezes. Aqui o exemplo é SimCity (*Simulation City*, Cidade Simulada), jogo eletrônico cuja primeira versão, surgida em 1990, tornou-se campeã de vendas. No jogo, o autor usa um truque de programação que permite que a cidade evolua de forma semelhante a um ser vivo. Com a série SimCity, os sistemas *bottom-up* deixam de ser objeto de estudo para se tornarem um produto comercializável. Apenas dez anos depois, o mundo dos sistemas emergentes está em lojas *on-line*, que dele se utilizam para reconhecer gostos como no exemplo dado no início deste texto; em *sites* da *web* que ajustam comunidades *on-line*; no *marketing*, que o utiliza para detectar padrões demográficos no público etc. A lição é que, embora nossa primeira reação seja procurar por líderes, estamos aprendendo a pensar *bottom-up*.

Uma das teses interessantes levantadas no livro é sobre como esses sistemas aprendem. As cidades aprendem, o corpo humano aprende, as formigas aprendem, sempre a partir da interação com vizinhos, por meio de *feedbacks* positivos e negativos,

Descrever partes do livro

Avaliar

que determinam as modificações e adaptações no sistema. Mas, “a *web* também está aprendendo?”, pergunta Johnson. Existe a chance de as grandes redes de computadores se tornarem autoconscientes?

Antes que sejamos levados por fantasias embaladas por filmes como *Matrix*, Johnson adianta-se: a resposta é não; e o que vale a pena entender é por que não. A diferença é que os sistemas emergenciais, na cidade e no cérebro, têm conexões e organização, gerando espontaneamente estruturas à medida que aumentam de tamanho. A *web*, no entanto, não está se tornando organizada, ao contrário, é um espaço em que a desordem cresce com o aumento do volume total. Yahoo e Google são sistemas criados pelo homem para funcionar como um antídoto, para dar sentido a um sistema que não gera organização por si mesmo. Uma tentativa de aperfeiçoar esse modelo é o Alexa, *software* que usa um tipo de tecnologia de filtragem colaborativa para construir conexões entre *sites* baseadas no tráfego de usuários. A ferramenta acompanha o usuário enquanto ele navega na internet, aprendendo padrões de tráfego.

O mundo da programação está se tornando cada vez mais darwinista e menos criacionista. Se antes a boa programação era aquela em que havia total controle do autor, hoje avança de uma forma mais oblíqua, na qual os desenvolvedores fazem o programa amadurecer, um resgate dos conceitos da seleção natural. Nos jogos baseados em inteligência emergente, programar as regras faz parte do jogo e tomará um tempo considerável do jogador.

Nesse momento, o autor arrisca prever algumas mudanças de comportamento resultantes do convívio com o novo paradigma. Para ele, crianças familiarizadas com jogos emergentes podem se

tornar mais tolerantes com a fase exploratória que precede o jogo em si, e na qual nem os objetivos nem as regras ainda estão claros.

Na terceira e última parte do livro, estão algumas questões sobre o futuro da emergência artificial. O que acontecerá quando as experiências em mídia e os movimentos políticos forem delineados por forças *bottom-up* e não *top-down*? A emergência segue na direção de melhorar cada vez mais aplicações de *software* capazes de desenvolver uma teoria sobre nossas mentes. Os programas que fazem um levantamento dos nossos gostos e interesses são o começo de um mundo em que poderemos interagir mais regularmente com a mídia, pois o *software* reconhecerá nossos hábitos, antecipará nossas necessidades e se adaptará às nossas mudanças de humor. O *software*, assim como o cérebro, será capaz de reconstruir estados mentais, quase leitores de mentes.

No capítulo final, fica clara a visão otimista de Jonhson e sua crença em um mundo onde a lógica *bottom-up* se espalha por todos os cantos. Algo que parece questionável, pois se os sistemas emergentes estão presentes na lógica de desenvolvimento das cidades, com a eficiência para organizar e estruturar a vida dos homens no caos urbano, por que essas cidades nunca abandonaram as formas *top-down* de organização? **A conclusão do livro, entretanto, é de que a emergência está se expandindo pouco a pouco para ocupar várias, senão todas, as instâncias das nossas vidas.** A propaganda, o trabalho e a política ganham outra face influenciados pelo modo *bottom-up*.

Descrever partes do livro

Descrever partes do livro

Recomendar

Como nesse exemplo, resenhas, em geral, são textos mais curtos (comumente, não muito mais do que 1.500 palavras) se comparados com outros gêneros como o artigo acadêmico (comumente, até 10 mil palavras) ou a tese de doutorado (que pode incluir mais do que 80 mil palavras).

No exemplo 2.1, a resenhadora constrói três dos quatro estágios textuais anteriormente mencionados. Em primeiro lugar, o livro é apresentado; em seguida, descrito e avaliado. Não há uma recomendação final clara para que o público compre o livro, mas como as avaliações são positivas e a resenhadora ressalta a centralidade do tema do livro (“está se expandindo pouco a pouco para ocupar várias, senão todas, as instâncias das nossas vidas”), a recomendação fica subentendida.

Para construir, de modo persuasivo, cada um dos três estágios indicados no exemplo 2.1, a resenhadora avança, passo a passo, utilizando estratégias variadas. De início, estabelece um pano de fundo para sua discussão sobre o tema do livro, ao chamar a atenção para o modo como a Amazon.com se utiliza de novos sistemas de informação como o de inteligências emergentes. Ela utiliza esse recurso de exemplificação para contextualizar o livro resenhado e definir de que maneira ele traz uma nova contribuição para o “estado da arte”, isto é, o atual estado do conhecimento nos estudos das organizações sociais. Esse estágio estabelece o cenário contra o qual a resenhadora buscará descrever (as partes do livro) e avaliar (os melhores ou piores aspectos do mesmo). Ela conecta esse contexto ao livro pelo seu título: “*Emergência explica os fenômenos emergentes, como surgiram e como podem transformar a televisão, a propaganda, o trabalho, a política e, antes de tudo isso, a tecnologia*”.

Na apresentação da obra, são definidos os campos teóricos mobilizados para explicar o tema do livro: “O autor mistura biologia, história, literatura e matemática para explicar o que são esses sistemas”. Além disso, para situar o leitor, a resenhadora apela para a fama de autores usados como referências na obra e para as credenciais do autor: “Charles Dickens; Marshall McLuhan; James Joyce; Fernand Braudel e Charles Darwin são algumas das referências usadas por Johnson, cuja formação é em semiótica e literatura inglesa”. O estágio seguinte serve tanto para dar uma visão geral do livro (enumerando suas partes) como também para detalhar alguns pontos específicos.

A resenhadora:

(a) dá uma visão geral do livro –

Exemplo 2.2

S#1

O título é provocativo: o que poderiam ter em comum colônias de formigas, o cérebro humano, grandes cidades e *softwares*? Todos usam, em menor ou maior grau, sistemas auto-organizados, nos quais é dispensada a presença de controle centralizado.

Organização (conexão entre os diferentes elementos do título pelo tema aglutinador: Emergência)

(b) explica o tópico de cada capítulo –

Exemplo 2.3

S#1

Na primeira parte do livro, Johnson procura **desmontar** o que chama de “mito da formiga rainha”. (...) **Em seguida, temos a discussão sobre modelos emergentes artificiais.** (...) **Na terceira e última parte do livro estão algumas questões sobre o futuro da emergência artificial.** (...)

(c) avalia pontos específicos –

Exemplo 2.4

S#1

Uma das teses interessantes levantadas no livro é sobre como esses sistemas aprendem. (...) **A conclusão do livro, entretanto, é de que a emergência está se expandindo pouco a pouco para ocupar várias, senão todas, as instâncias das nossas vidas.**

Pontos ressaltados

Ao fazer comentários avaliativos sobre os temas abordados no livro, a resenhadora chama para si o papel de especialista (autoridade) frente ao leitor que, por sua vez, se constitui como membro (aspirante ou especialista) de uma comunidade acadêmica. O estilo do texto é formal e o tom é persuasivo para influenciar o público a ler (ou não ler) o livro. O objetivo da autora da resenha, portanto, parece ser demonstrar autoridade dentro da disciplina, enquanto membro capaz de avaliar criticamente uma nova publicação, tendo como pano de fundo a literatura prévia na disciplina; sua habilidade em fazer julgamentos plausíveis e coerentes, fornecendo evidências para tanto.

Resenhas comumente trazem também descrição de material extra que vai além do texto principal de cada capítulo do livro, na forma de apêndices, anexos, tabelas, gráficos, figuras, dados, exercícios, glossários, listas de referências e índices remissivos. O tipo e a frequência desses materiais adicionais variam de área para área e dentro de cada área, dependendo do assunto tratado no livro. Serão mencionados sempre que isso for relevante para a avaliação do livro ou para as práticas de publicação da disciplina.

Em determinadas áreas, a qualidade da impressão das imagens ou a precisão e extensão do índice remissivo podem ser lembradas numa avaliação favorável da obra.

Como vimos, no exemplo 2.1, a resenha se encerra com uma recomendação final velada, mas de tom persuasivo, que ressalta a importância e a atualidade do livro: “...a emergência está se expandindo pouco a pouco para ocupar várias, senão todas, as instâncias das nossas vidas”. No entanto, frequentemente, ao recomendar uma obra, resenhadores aconselham explicitamente o leitor a ler (ou talvez, não ler) o livro, ressaltando o impacto significativo da obra (ou a falta dele) para a disciplina como um todo (Motta-Roth, 1995, p. 45).

Vejamos outro exemplo de resenha retirado do site do periódico da área de letras, *Linguagem & Ensino* <<http://rle.ucpel.tche.br/>>:

Exemplo 2.5

L#1

Linguagem & Ensino, Pelotas, vol. 11, nº 1, p. 237-261, jan./jun. 2008

Araújo, Júlio César (org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, 288 p.

Resenhado por Rogéria Lourenço dos Santos

O uso de ferramentas tecnológicas no âmbito do ensino vem crescendo significativamente nos últimos anos. A internet é uma das ferramentas que mais se destaca nesse contexto, principalmente no ensino de línguas, uma vez que se configura por variados recursos midiáticos, textos multimodais e gêneros textuais.

Com o intuito de abordar questões voltadas ao ensino de línguas materna e estrangeira no contexto virtual, o livro *Internet & ensino – novos gêneros, outros desafios*, organizado por Júlio César Araújo, traz sugestões de práticas pedagógicas que incluam o ambiente virtual. Professores de diversas instituições de ensino do Brasil apresentam suas pesquisas e propostas no livro que reúne dezesseis capítulos, os quais têm como palavras-chave *gêneros discursivos, internet e ensino/aprendizagem de língua materna e estrangeira*. **A obra divide-se em duas partes: a primeira, “Gêneros digitais**